

Veredas ao sul: a escrita ficcional de Ruy Duarte de Carvalho

Laura Cavalcante Padilha*

Claudia Fabiana de Oliveira Cardoso**

RESUMO:

propõe-se uma leitura da obra *Os papéis do Inglês*, de Ruy Duarte de Carvalho, com o objetivo de refletir sobre a construção do romance por um narrador que, através da experiência e da recuperação de inúmeros textos e linguagens, dá versões sobre papéis e paisagens culturais em Angola. Serão destacadas estratégias de linguagem utilizadas pelo autor na (re)apresentação ficcional de um espaço marcado pela exclusão, o sul angolano.

Palavras-chave: Romance angolano. Tradição e modernidade. Descolonização. Ruy Duarte de Carvalho.

Introdução

“O sertão está em toda parte” é a máxima que lemos no primeiro parágrafo da célebre obra de Guimarães Rosa e que retomamos aqui para iniciarmos este artigo sobre a ficção de Ruy Duarte de Carvalho. Porque o sertão roseano é também o universo angolano narrado, relido e percorrido por Ruy Duarte. Se encontramos em *Grande sertão: veredas* inúmeros espaços, veredas, apresentados por um narrador que conta histórias a um interlocutor cuja voz não é audível para o leitor, podemos notar fortes influências desse universo literário em obras como *Vou lá visitar pastores* (1999) e *Os papéis do Inglês* (2000), quando fitas k7s, cartas e anotações em diários são utilizadas como recursos de linguagem por um autor sempre em trânsito, que, ao narrar, contou sua terra e a si próprio nos espaços que percorreu, a sua própria experiência de regente agrícola, antropólogo, cineasta, professor e, sobretudo, poeta e ficcionista.

Nascido em Portugal em 1941, Ruy Duarte de Carvalho foi para Angola ainda criança e naturalizou-se angolano em 1975. Faleceu recentemente, aos 69 anos, na Namíbia, onde residia. Antropólogo, investigou, sobretudo, sociedades pastoris e agropastoris do sudoeste de Angola e do noroeste da Namíbia. Escritor multifacetado, publicou ensaios, ficções, narrativas e nove livros de poesia, reunidos na obra *Lavra* (2005), sendo *Chão de oferta* (1972) o primeiro, e *Observação direta* (2000) o último; na ficção, *Como se o mundo não tivesse leste*, de 1977, é seu livro de estreia, e a última obra, *A terceira metade* (2009), junto com *Os papéis do Inglês* (2000) e *As paisagens propícias* (2005), encerra a trilogia intitulada “Os filhos de Próspero”. Além disso, produziu inúmeros filmes sobre os povos do sul de Angola. Espaço explorado na sua produção como um todo, este sul, marcado pelo isolamento histórico de uma produção ideológica e intelectual eurocêntrica, é apresentado através de uma escrita descritiva, argumentativa e criativa. Sua literatura é de viagem, e as paisagens visitadas, reconhecidas e reescritas pelo escritor-viajante assemelham-se, em alguns momentos, à nossa própria geografia e cultura brasileiras, como a aproximação que podemos fazer com a obra de Guimarães Rosa.

O autor já teria revelado a importância do *Grande sertão* em sua vida, desde quando o encontrou pela primeira vez aos 24 anos. Em texto lido em Coimbra, em 2005, disse:

Eu estava a encontrar ali, finalmente, um tipo de escrita e de ficção adequado à geografia e à sua substância humana que eu andava então, regente agrícola da Junta do Café, a frequentar e a fazer-me delas por Angola fora. (...) e nas paisagens que G. R. me descrevia eu estava a reconhecer aquelas que me eram familiares..... já porque de natureza a mesma que muitas das paisagens de Angola – e em algumas das paisagens de Angola eu reconhecia aquelas, enquanto o lia – já porque a gente que ele tratava, gente de matos e de grotas, de roças e capinzais, era também, em Angola, aquela com quem durante muitos anos andei a lidar pela via do ofício e do viver (CARVALHO, 2008, p. 13).

Não é à toa que em 2006 Ruy Duarte de Carvalho também publicou *Desmedida: Luanda – São Paulo – São Francisco e volta*, crônicas a respeito de uma viagem que fez aos espaços geográficos das ações do *Grande sertão: veredas* e de *Os sertões*, de Euclides da Cunha, localizados entre os estados de Goiás, Minas Gerais e Bahia. As veredas percorridas neste e em outros momentos, as linhas intertextuais com inúmeras obras, de diversas áreas do conhecimento – Antropologia, História, Literatura, Sociologia –, e, principalmente, as pesquisas particulares do autor para um trabalho de produção científica e de elaboração de uma estética literária apurada revelam-nos um projeto literário que abre caminhos do particular para o universal, escrita de fronteiras que se alargam na medida mesma do encontro das vozes. Porque os pastores também estão em toda parte. Porque a lavra é do homem.

Tomaremos a ficção de Ruy Duarte de Carvalho justamente a partir das múltiplas vozes encenadas por um narrador que se confunde com o autor. Ruy Duarte, através de suas “deambulações etnográficas”, problematizou a narrativa ficcional e reencenou uma geografia situada ao sul, de “outros tempos, outras idades”, promovendo uma reflexão sobre o lugar de Angola no mundo contemporâneo.

Papéis da narrativa

E quando uns olhos cintilantes de ironia, inteligência e ternura me perguntaram que estória era essa afinal de papéis e tesouros, não lhe terei dito que para responder a um desafio assim teria era mesmo que contar-lhe muitas outras e variadas estórias?

Ruy Duarte de Carvalho

O mote para a escrita do romance *Os papéis do Inglês* aparece como pré-texto na folha de rosto do livro, logo abaixo do título e do subtítulo, ou *O Ganguela do Coice*, de maneira clara e concisa: “narrativa breve e feita agora (1999/2000) da invenção completa da estória de um Inglês que em 1923 se suicidou no Kwando depois de ter morto tudo à sua volta segundo uma sucinta crônica de Henrique Galvão” (CARVALHO, 2000, p. 5). Um leitor despreparado poderia supor que se trataria tão somente de uma “invenção completa” da tal estória; contudo, as inúmeras outras estórias que serão contadas revelarão papéis mais complexos da narrativa. Em *Os papéis do Inglês* estamos diante de uma obra que explora com força o potencial do discurso romanesco.

O romance é composto de diferentes gêneros textuais, com destaque para o diário (do antropólogo), datados de 23.12.99 a 01.01.00, e os *emails* enviados à destinatária “que se insinua e instala no texto” (2000, p. 5), numerados de 1 a 49. Esses momentos estão divididos em três partes interrelacionadas: livro primeiro, *intermezzo* e livro segundo. O livro primeiro introduz o tema e explora elipses e fragmentos desconexos da história do inglês, além de lançar mão de uma

série de referências contextuais; o *intermezzo*, como o nome sugere, é uma peça “tocada” no meio da obra, carregada de lirismo e elementos simbólicos, como o encontro do Inglês com o Ganguela; o livro segundo amarra os fios e destaca paisagens culturais do sul africano, onde se dá a viagem. As linguagens poética, teatral, plástica, cinematográfica, referencial, descritiva, ensaística e outras são trabalhadas simultaneamente, levando-nos a refletir sobre o mosaico que se vai construindo. O leitor precisa de fôlego para percorrer as veredas sinuosas da narrativa. A começar pelo papel do narrador, que se constrói dentro e fora do texto.

Personagem histórico e ficcional, o narrador-autor desde o início apresenta traços bio(biblio)gráficos importantes, como a referência a *Vou lá visitar pastores* e aos personagens que o acompanharam em suas “deambulações etnográficas”. O percurso que fez do início ao fim esteve ligado a um projeto de reavistamento de uma das regiões mais desconhecidas do continente africano. Mais que investigar os possíveis papéis e tesouros deixados pelo personagem Inglês da crônica de Galvão, o importante no tecido composto foi refletir sobre os papéis demarcados por uma cartografia do poder no sistema mundo contemporâneo, que excluem e silenciam experiências alheias. Em um dos momentos de reflexão sobre estes papéis, o narrador analisa:

Mas o fenômeno maior dos séculos XIX e XX, do ponto de vista social, terá, em meu entender, sido a chamada de todo o espaço planetário à aceitação, com resistência ou sem ela, à adoção vital perante toda a ordem de pressões, dos modelos ocidentais de prática e configuração ideológica da vida (CARVALHO, 2000, p. 152).

Ruy Duarte confrontou essa ideologia ocidental com uma cultura africana tradicional e deu ao inglês da história, na verdade, um papel de coadjuvante. A busca, a viagem e o caminho são mais importantes que os próprios documentos. O leitor chega ao fim do percurso, inclusive, sem saber o que continha exatamente o diário do aventureiro Perkins. Interessante é observarmos que uma das perguntas/ vazios da *estória* do Inglês (afinal, o que fazia em África? Por que abandonar Londres e ir para um “fim de mundo?") é a mesma que a interlocutora impõe ao narrador em dado momento do romance: “O que faz você aqui? Anda a procura de etnografias, de exaltações ou de tesouros?” (2000, p. 156). Ora, a narrativa é de viagem e o narrador se constrói também neste percurso, ele toma a vereda. Logo na primeira parte da obra, declara à destinatária dos emails ficcionais:

Na memória íntima que consigna o resgisto das minhas emoções, porém, o que retenho não contempla essa margem de apreensão de conhecimento mas antes a dilatação dos horizontes da minha própria experiência pessoal (...) Vou ter que contar-me, tratar-me, pois, enquanto personagem dessa *estória*. E essa então será, comigo a actuar lá dentro e a primeira inscrita nela, a tal *estória* que tenho para contar-te. E quem narra não há-de ter, ele também que dar-se a contar? (CARVALHO, 2000, p. 38).

Assim, este narrador conta sua própria experiência e observa as experiências alheias para contá-las a sua maneira. O escritor leva para o campo ficcional suas pesquisas antropológicas, fazendo com que elas assumam novos papéis. É a antropologia que o conduz à ficção, e sua proposta seria a de que “literatura e viagem se conjugassem em aventura experimentada tanto em extensão como em profundidade para ser então vivida como exaltação e narrada depois como a *estória* verdadeira de uma tal vontade” (CARVALHO, 2008, p.122), revela o autor em um de seus textos de opinião.

Em *As paisagens propícias* (2005), romance publicado depois de *Os papéis do Inglês*, mais uma vez o que Ruy Duarte propõe é uma viagem “aos tesouros do mundo”, com um narrador que aí se inscreve:

A estória verdadeira, neste caso a viagem, vivida como ficção. Em viagem, portanto, o narrador... Disponível para deixar-se repescar do caminho afundado e solitário que sempre há-de ser o da escrita, pelas escritas que o mundo captado expressivo porque imprevisto e “novo”, lhe convinha a inscrever como ficção na ficção da sua própria narrativa e na expectativa, sempre, de que daí resulte, aí se dissimule, qualquer coisa que exceda a intenção, o contexto e o labor da escrita, alguma parte daquilo que o comum do dia-a-dia impede de ver, a sobreposição lenta de camadas finas e transparentes da própria ficção do mundo (CARVALHO, 2005, p. 13).

A ficção de Ruy Duarte de Carvalho nos aponta, afinal, sua capacidade de trocar experiências. Nessa troca, encontramos a proposta benjaminiana de recuperação da narrativa “perdida”. Benjamim, em seu famoso ensaio sobre “O narrador”, coloca em cena a oscilação entre um mundo desprovido de sentido e a necessidade de construirmos um sentido para um mundo essencialmente fragmentário através da linguagem. Desta forma, assim como propõe Benjamim, no romance de Ruy Duarte, a linguagem é retomada como espaço de recuperação do sujeito como ser histórico e social e o narrador é um verdadeiro contador de histórias “da própria ficção do mundo” e seduz pela palavra. Sua voz é múltipla, inclui no seu relato, como já dissemos, a própria experiência, mas sobretudo a experiência alheia. Com o domínio da palavra, vai astuciosamente conduzindo o leitor a achar o fio que lhe permita passar atento pelos caminhos textuais densamente construídos. Para o leitor, encontrar a significação dos papéis e tesouros guardados no labirinto do texto representa a possibilidade do encontro com a sua própria história, a compreensão de si mesmo e do mundo que o rodeia, já que a experiência da leitura lhe proporciona o questionamento e a recriação.

São, portanto, inúmeros os papéis da narrativa, desde a construção de um narrador antropólogo em viagem à representação do cenário ideológico e de poder do mundo contemporâneo. Nesse processo, incluem-se também outros papéis/ textos recuperados pelo autor. Composto de matéria histórica e matéria de ficção, o romance *Os papéis do Inglês* revela a intertextualidade com outros discursos, o confronto e o diálogo de uma escrita nova com produções anteriores. Evidencia-se aí a concepção dialógica da linguagem desenvolvida por Mikhail Bakhtin, já que “o discurso nasce no diálogo como sua réplica viva, forma-se na mútua orientação dialógica do discurso de outrem no interior do objeto” (BAKHTIN, 1990, p. 88).

Entre tantos diálogos que se estabelecem no romance, destacamos a referência-chave a Henrique Galvão e à crônica que marca as deambulações do narrador e seus companheiros pelo sul angolano. Publicado em 1929, o livro *Em terra de pretos, 15 crônicas d'Angola*, de Galvão, é apresentado com detalhes nas páginas 17 e 18. Apesar de retirar dali a história cujos vazios serão preenchidos no romance, Ruy Duarte destaca que haveria pelo menos mais uma versão registrada do caso, a do médico Luiz Simões, para quem o Inglês morreu não por arma de fogo, mas teria sido “devorado por um jacaré, depois de atirar-se às águas do Kwando, com uma grande pedra atada aos pés” (CARVALHO, 2000, p. 20). O fato é que, a partir da breve história do Inglês e do Grego, o narrador passa a preencher, com sua própria versão, determinadas lacunas: quem é o Inglês? Quem é o Grego? O que faziam no Kwando? O que trazem os papéis?

A identidade do Inglês é problematizada, os motivos de sua “aventura” também. Ele teria, na versão do romancista, abandonado uma carreira acadêmica promissora em Londres ao se chocar

com uma visão ultrapassada da antropologia. O narrador aproveita o momento e faz uma espécie de balanço da própria ciência que manipula e escreve o seu Archibald Perkins, também antropólogo, em um quadro político sério, o da “colonialidade do poder e do saber”, na acepção de Walter Mignolo (2008). Em nome de uma suposta ordem, mesmo com a antropologia social de Radcliff-Brown, a proposta de Perkins de uma “mudança integrada e não à redutora domesticação do indígena” (CARVALHO, 2000, p. 52), que romperia, enfim, com paradigmas do pensamento colonial, é rechaçada. A atenção dos antropólogos no início do século XX estava ligada a uma perspectiva difusionista, voltada “ainda a ver só nessas mesmas sociedades um mero objeto exposto à observação dos sábios” (2000, p. 53). Daí, para Ruy Duarte, Perkins “não era ainda um homem morto mas era já um homem profundamente abatido e à beira de remeter-se ao silêncio, à austeridade e ao azedume a que haveria de condenar-se até ao resto da vida.” (2000, p. 54)

O debate a respeito da produção intelectual no Ocidente volta em muitos momentos, em especial na terceira parte da obra, o livro segundo, mais fixado nas etnografias. Uma das reflexões travadas merece destaque:

Mas o iluminismo e o evolucionismo estão implícitos em toda a produção ideológica e intelectual que vigora e ainda e sempre omnipresente e dominantes, cientes já dos seus maiores pecados do passado, na aferição da qualidade dos homens segundo escalas físicas, primeiro, e depois segundo uma hierarquização das culturas, mas a fundamentar o mesmo espírito de império, ainda quando disfarçados de um igualmente abjecto paternalismo que confere a uns o direito de decidir, benemérita e providencialmente, pelos outros e em nome dos outros, os ignorantes e os atrasados, os coitados. E esses uns e outros somos todos nós, uns para os outros e por aí fora e sempre em função do ganho do outro (CARVALHO, 2000, p. 153).

A ponte que o narrador estabelece entre a década de 20 do século XX, especialmente, e o fim desse mesmo século, na virada para o ano 2000, revela poucos avanços na configuração do mundo. Porém, se Perkins e o explorador Kurtz de Conrad entram em choque com as trevas do coração humano, Ruy Duarte vai além ao propor novos sentidos para os “tesouros do mundo”. Não aqueles buscados por personagens como o falsário Alves dos Reis ou tantos outros na história do Ocidente, mas aqueles que tratam de relações humanas mais solidárias e harmoniosas. Mesmo que o narrador muitas vezes se coloque na pele de um Dom Quixote, com Paulino, seu Sancho Pança, a lhe dizer que “não vale a pena”, a história reconfigurada a partir do cruzamento de inúmeros outros textos, com a encenação de uma paisagem outra, é uma maneira de confrontar “as teias da colonialidade nas quais se camuflam os neocolonialismos do nosso tempo” (PADILHA, 2008, p. 60). E é na combinação dos olhares de Quixote e Pança, no *intermezzo* com música de violino e *kissange*, que se poderá reinventar alguns desses papéis.

Paisagens culturais

Eu andava por este sudoeste à procura de pessoas, a tratar com elas, a tentar entendê-las nas suas razões, como inserem o que de facto fazem e o que pensam na desconcertante cena nacional que é a nossa.

Ruy Duarte de Carvalho

A história do Inglês se dá “no ano de 1923 à beira do rio Kwando, do lado de Angola mas próximo da fronteira com o que é hoje território da Zâmbia” (CARVALHO, 2000, p. 18). O narrador no início da sua viagem está no Namibe, extremo oposto do sul angolano. Os personagens, na busca dos reveladores papéis, transitam pela Huíla, o Cunene e o Cuando Cubango. Enfim, o espaço do romance é a região sul de Angola, cenário que percorre a obra de Ruy Duarte de Carvalho como um todo, a começar pela poesia. Seu primeiro livro é de 1972, *Chão de oferta*, e já lá o sul angolano está presente. Tanto na poesia quanto na prosa o trabalho do escritor foi de mapeamento das paisagens culturais angolanas, de leitura e reescrita de tradições e da diversidade cultural do seu país.

Em *Os papéis do Inglês* vemos mais uma vez encenado um espaço de múltiplas vozes e caminhos. Entre os personagens locais, por exemplo, há representantes de grupos étnico-linguísticos diferentes, como os tyimbandas, os ganguelas ou os mucubais:

Era tyimbanda dos bois, desses que tratam carbúnculos, peripneumonias, caonhas, carraças e doenças que as carraças trazem, e procedem a fumigações e a cortes nas caudas dos animais são onde introduzem líquidos que extraem dos pulmões de animais doentes, são vacinas, não é, que não devem nada às descobertas de Pasteur, é uma ciência antiga, de pastores (CARVALHO, 2000, p. 24).

No trecho destacado percebemos como o narrador revisita inúmeros elementos da tradição oral, os verdadeiros tesouros da região. E se os emails ou k7s, os papéis do inglês ou as anotações do diário do antropólogo são representações de uma modernidade, as experiências dos povos do sul são registros de uma oralidade. No processo de “visita aos pastores”, Ruy Duarte tinha consciência de que era preciso dizer essas vozes. Muitas vezes, precisava de alguém que traduzisse tais registros, como o personagem B. de *Os papéis do Inglês*. Duarte, por sua vez, deu novas versões às fontes observadas, em um trabalho constante de “versões, conversões e reconversões”, como ele próprio declarou na introdução da obra *Ondula savana branca*, de 1977.

O diálogo entre textos, entre tempos e espaços, entre a tradição e a modernidade é, portanto, a chave para o entendimento da obra. Não é à toa que os tesouros que os literais papéis do Inglês podem guardar estão na “mala do mais velho”: “Assim, o Ganguela-do-coice tinha visto tudo, tinha entendido tudo. E era isso, precisamente, que pelo seu próprio punho, a grosso e tosco, estava escrito no caderno de Archibald: eu vi tudo” (CARVALHO, 2000, p. 176).

Lembremos que *Os papéis do Inglês ou o Ganguela do Coice* é o título exato do romance. Não só a escrita pode revelar mistérios e tesouros, mas também as experiências e testemunhos orais, só é preciso ir até eles. É isso que fez Ruy Duarte em suas “deambulações etnográficas”, é isso que Perkins também fez ao visitar a tenda do Ganguela para tocar seu kissange. Vejamos um momento da cena:

Uma importante alteração ao programa viria a dar-se quando, na estação seguinte, o Inglês passou a vir acompanhar, na sanzala, os solos de kissange do Ganguela, surdina morosa em noites de lua e frias, e nos intervalos de alguns trechos mais sentidos era o lancinante contraponto do stradivarius que vinha dilacerar o peito de tantos homens, de tanta raça e tão sós (CARVALHO, 2000, p. 81).

O programa é, desta maneira, alterado, e o kissange e o stradivarius passam a ser tocados juntos. O escrito soma-se ao dito, à experiência local, com o “sul magnético” desde *Chão de oferta* sendo mapeado e problematizado em relação a outros locais de cultura. No caso do romance em estudo, em relação à Europa, com os personagens Inglês, Grego, Belga, Português e outras referências, mas também em relação a Luanda, a capital distante do interior.

É dezembro e aqui, um pouco a sudeste do lugar em que estou, é que os apanhados meteorológicos assinalam o ponto mais quente de Angola. (...) Ontem, durante o dia todo, trovejou demais de um lado e do outro, e anda a rodear, a chuva. Correu pelo Bumbo, apontada a noroeste, saiu do Cahinde e deve ter atingido o Virei até ao Kuroka, a sul, e a Bomba a sudoeste, e até mesmo, talvez, para além dos Paralelos, a damba da Delfina, esse deserto todo. (...) A ocidente é o céu e a nascente a serra, com bruma na base e recortada na claridade luminosa das nuvens altas que pairam sobre os promontórios do platô da Huíla. (...) Longe de Luanda, Luanda é longe, e é sempre longe, de Luanda aqui (CARVALHO, 2000, pp. 22-23).

Enfim, o romance discute, na verdade, inúmeros papéis sociais, culturais e políticos que precisam ser revistos. Ruy Duarte de Carvalho reencenou papéis neocoloniais para propor também a desconstrução do alicerce de muitos deles, em uma atitude de “desobediência epistêmica”, como preceitua Walter Mignolo. Segundo o pesquisador, “a opção descolonial é epistêmica” e significa, entre outras coisas, “aprender a desaprender” (MIGNOLO, 2008, p. 290). Também para a pesquisadora Rita Chaves, ao estudar a obra de Ruy Duarte de Carvalho:

para exprimir a sua forma de estar nesse contexto [Angola dos últimos trinta anos e seu espaço de diversidade] o autor revela seu empenho na elaboração de um instrumental que, embora tributário da chamada cultura ocidental, assume um compromisso de fundo no tratamento de questões que o mesmo ocidente tem dificuldade em perceber. Em meio a tantos problemas, que se renovam e/ou se repetem, um parece se destacar na reivindicação de novos olhares: a relação entre tradição e modernidade, desdobrando-se em jogos que se armam entre os espaços internacionalizados e os códigos que regulam a vida das sociedades não completamente envolvidas pelo que já se convencionou reconhecer como globalização (CHAVES, 2007, p. 337).

Novos olhares são de fato reivindicados. Em *Os papéis do Inglês* uma nova leitura de Conrad e de todo um imaginário construído sobre o continente africano se faz. “No fim do mundo, tesouros”, e “A busca como a luta, camaradas, continua” (CARVALHO, 2000, p. 180), lembra o narrador. Viagem textual que, ao mostrar uma diversidade de paisagens culturais e de discursos, problematiza tempos e idades.

Conclusão

A *Revista de História da Biblioteca Nacional* estampou na capa de sua edição de dezembro de 2008 uma fotografia de duas jovens Kuvale. Elas vestem panos coloridos na cintura e na cabeça e trazem o dorso nu. A foto foi tirada no ano de 2000, no Bairro do Rocha Pinto, em Luanda, e, pelo que tudo indica, segundo explicação do professor Carlos Moreira Henriques Serrano na

contracapa, as moças estariam na capital vendendo um óleo extraído de frutos colhidos na região sul de Angola, onde vivem. A proposta deste número 39 da revista aparece em letras grandes sobre a fotografia: “Angola é aqui. Nossa história africana.” Chama-nos a atenção em um primeiro momento a escolha da fotografia para a capa de um periódico cuja proposta é discutir aspectos históricos e culturais que ligam o Brasil a Angola. Porque a imagem é antes de mais nada atraente, há na sua presença uma estratégia para seduzir possíveis leitores da revista. Ruy Duarte de Carvalho, em *Os papéis do Inglês*, em dado momento ironiza a maneira como muitos manuais de geografia de seu tempo, ou ainda nos dias de hoje periódicos como a *National Geographic Magazine*, apresentam determinados grupos, com uma fotografia e “uma legenda à maneira de então: *belo exemplar da raça mucubal*” (CARVALHO, 2000, p. 43). No caso da revista brasileira, contudo, mesmo com o risco de uma leitura descontextualizada, capaz de reforçar a ideia preconceituosa do exótico, há um apontamento para a diversidade de grupos que existem em Angola e, por sua vez, para o fato de muitos desses estarem presentes no processo de formação da nossa identidade cultural.

Destacamos este episódio pois ele pode representar uma das problemáticas em pesquisas e discussões que vêm sendo realizadas nas últimas décadas a respeito do continente africano, em inúmeras áreas do conhecimento: a apresentação de sociedades africanas em posição de subalternidade. Uma dessas ciências é a Antropologia, matéria trabalhada pelo escritor Ruy Duarte de Carvalho. Em *Os papéis do Inglês*, um dos debates está exatamente no tratamento difuso dado a determinados grupos nos dois últimos séculos.

Portanto, assim como o sertão está em toda parte, as veredas do sul angolano reconfiguradas em sua obra, ao mesmo tempo que representam uma maneira particular de estar no mundo, falam do homem na sua essencial busca de sentido. No romance, elas tomam novas formas e passam a dramatizar um tempo outro, de interseção entre o velho e o novo, em uma dialética recorrente entre oralidade e escrita, tradição e modernidade.

Paths to the south: the fictional writing of Ruy Duarte de Carvalho

ABSTRACT:

It aims at reading the work *Os papéis do Inglês*, by Ruy Duarte de Carvalho, with the purpose of thinking about the construction of the novel by a narrator that, through experience and recovering of several texts and languages, gives versions of cultural roles and landscapes. It will focus language resources used by the author in the (re)presentation of a space marked by exclusion, the Angolan south.

Keywords: Angolan novel. Tradition and modernity. Decolonization. Ruy Duarte de Carvalho.

Notas explicativas:

- * Professora Associada de Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, Instituto de Letras, UFF/CNPq.
- ** Doutoranda em Literatura Comparada, Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, UFF. Professora da Faculdade de Letras da UNIABEU, Nilópolis, RJ.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora F. Bernadini; José P. Júnior; Augusto G. Júnior; Helena S. Nazário; Homero F. de Andrade. 4. ed. São Paulo: UNESP, Hucitec, 1998. 439 p.
- BENJAMIM, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. 255 p.
- CARVALHO, Ruy Duarte de. *Os papéis do inglês*. Lisboa: Cotovia, 2000. 371 p.
- _____. *Vou lá visitar pastores*. Lisboa: Cotovia, 1999. 185 p.
- _____. *Como se o mundo não tivesse leste*. Lisboa: Cotovia, 2003. 159 p.
- _____. *As paisagens propícias*. Lisboa: Cotovia, 2005. 341 p.
- _____. *Lavra: poesia reunida 1970-2000*. Lisboa: Cotovia, 2005. 445 p.
- _____. *Desmedida, Luanda – São Paulo – São Francisco e volta*. Lisboa: Cotovia, 2006. 323 p.
- _____. *A câmara, a escrita e a coisa dita... fitas, textos e palestras*. Lisboa: Cotovia, 2008. 461 p.
- CHAVES, Rita. *Modos de ver e escrever o mundo*. In: CHAVES, Rita; MACÊDO, Tânia & VECCHIA, Rejane (Org.). *A kinda e a misanga: encontros brasileiros com a literatura angolana*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Luanda, Angola: Nzila, 2007. 430 p. p. 335-347.
- CONRAD, Joseph. *O coração das trevas*. Trad. Regina Régis Junqueira. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984. 62 p.
- MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: A opção descolonial e o significado de identidade em política. Trad. Ângela Lopes Norte. *Cadernos de Letras da UFF*, Niterói-RJ, n. 34, p. 287-324, 1º semestre/ 2008. 333 p.
- PADILHA, Laura Cavalcante. Literatura angolana, suas cartografias e seus embates contra a colonialidade. In: PADILHA, L. C. & RIBEIRO, M. C. *Lendo Angola*. Porto: Afrontamento, 2006. 199 p. p. 57-73.
- REVISTA DE HISTÓRIA DA BIBLIOTECA NACIONAL. Rio de Janeiro: Sociedade de Amigos da Biblioteca Nacional, ano 4, n. 39, dez./2008. 98 p.

